

ANÁLISE DA RELATIVIZAÇÃO NO PB: MOVIMENTO DE QU- E EFEITOS DE ILHA

Mariana Ferreira Schulz (PIBIC/ UFRGS) & Sergio de Moura Menuzzi (CNPq/ UFRGS)

Introdução

Este trabalho: estudo sobre as estratégias de relativização em Português Brasileiro (PB) e a ocorrência ou não-ocorrência de movimento de QU- nas orações relativas.

Objetivos

- (1) Testar empiricamente se a relativização com lacunas se dá ou não por meio de movimento de QU-.
- (2) Avaliar efeitos de ilha em frases que, em princípio, violariam as condições de subjacência.

Tipos de relativização em PB

Tarallo (1983) e literatura subsequente estabelecem três estratégias de relativização:

Estratégia padrão (“o livro *de* que Maria gosta ___”)

Estratégia cortadora (“o livro ___ que Maria gosta ___”)

Estratégia copiadora (“o livro que Maria gosta *dele*”)

Para Tarallo, só a estratégia padrão envolve “movimento de QU-”; somente ela deveria apresentar “efeitos de ilha”.

Condição da subjacência

Por hipótese, condição universal sobre regras de movimento: se o deslocamento de um constituinte (ex.: pronome relativo) ultrapassa dois “nós de fronteira”, ocorre um “efeito de ilha”. Em línguas como o Inglês (Haegeman, 1994, Eick, 2002), os nós de fronteira são o IP (*inflectional phrase*) e o NP (*noun phrase*). Exemplo:

?? *Which problem_i do [you wonder how_k [Jeeves would solve t_i t_k]]?*
(Que problema_i [você se pergunta como_k [o Jeeves resolveria t_i t_k]?)

A questão teórica

Desde Tarallo (1983), há consenso de que a estratégia padrão (com movimento QU-) praticamente não é mais utilizada no PB e se limita a fala controlada ou a textos escritos. Entre as estratégias não-padrão (que supostamente não envolvem movimento), a copiadora é estigmatizada, sendo a cortadora a mais frequente. Tarallo conclui: a estratégia cortadora – com apagamento de pronomes – é a estratégia geral do PB.

Um dos argumentos: mesmo casos que parecem envolver movimento QU- (relativização de sujeitos e objetos) não apresentam “efeitos de ilha”:

O homem que_i [só você sabe quando_k [Maria viu t_i t_k]] é um dos suspeitos.

Problema e Justificativa

Desde Rizzi (1982) sabe-se que as línguas variam em seus nós de fronteira; o exemplo de Tarallo seria gramatical em italiano, embora não outras ilhas – especialmente ilha do NP complexo (ver tb. Eick 2000). Por isso, pretendemos testar empiricamente os efeitos de ilha: para provar (ou não) a ocorrência de movimento na relativização de elementos QU- em PB.

Metodologia

Utilizamos testes de julgamento hospedados no site *Survey Monkey* para avaliar a aceitabilidade/naturalidade de frases que violariam as condições de subjacência, se houvesse movimento (contrariamente à hipótese de Tarallo).

Em cada teste havia duas frases-controle (para checar se os sujeitos distinguiam corretamente frases boas de frases ruins), duas frases-alvo (envolvendo ilhas reconhecidas pela literatura) e duas frases distratoras.

As frases deviam ser avaliadas, em “naturalidade”, numa escala de 1 a 5, sendo um “totalmente não-natural” (ou ruim) e 5 “totalmente natural” (ou boa). Todas foram avaliadas uma vez por mais de 30 sujeitos.

Resultados

Resultado para as frases-controle: as frases-controle boas obtiveram média **4,56**, e as ruins média **1,44**.

Seguem abaixo as frases-teste, com sua respectiva média de avaliação:

1. O Paulo Coelho, que o João se pergunta por que a Maria admira tanto, é um péssimo autor. (Ilha WH, **3,81**)
2. O Pedro, que o Sérgio descobriu onde a Maria encontrou semana passada, tá desaparecido. (Ilha WH, **2,14**)
3. O Daniel Everett, que o Paulo leu um artigo onde o Chomsky critica muito, tá no Brasil de novo. (Ilha do NP complexo com oração relativa, **2,71**)
4. O artigo do José, que a Carol é coordenadora da revista onde ele publicou, foi muito citado ano passado. (Ilha NP complexo com oração relativa, **3,38**)
5. O Antônio Fagundes, que o Paulo tinha ouvido uma fofoca de que aquela menina tava namorando, na verdade tá hospitalizado. (Ilha do NP complexo com oração completiva, **2,82**)
6. Aquele concurso, que o Paulo acreditava na possibilidade de que a Maria fosse aprovada, foi cancelado. (Ilha do NP complexo com oração completiva, **3,76**)
7. Aquela locadora, que o João viu muitos filmes enquanto o Pedro teve, acabou fechando. (Ilha do Adjunto, **2,32**)
8. A D. Joana, que o João ficava em casa quando a Maria ia visitar, não é muito simpática. (Ilha do Adjunto, **2,24**)

Análise e Conclusões

- 1ª observação: todos os casos foram julgados, na média, como intermediários entre frases boas e ruins – portanto, todos apresentam alguma restrição.
- 2ª observação: frases envolvendo ilhas de adjunto foram julgadas de baixa aceitabilidade, portanto devem ser consideradas ruins. Para estes casos, conclui-se que há violação da Subjacência – e portanto movimento QU-.
- 3ª observação: alguns resultados parecem confirmar a hipótese de Eick (2000) de que o PB tem movimento QU-, mas é como o italiano, tolerando-o com certas ilhas: ilhas QU- (3,81) e do NP Complexo com completiva (3,76); mas o resultado não é estável, já que outras frases-teste destas ilhas foram consideradas ruins (2,14 e 2,82).
- 4ª observação: a ilha considerada universalmente ruim (Eick 2000), a do NP complexo com relativa, também teve resultado instável: ambas as frases estão em torno do meio da escala (2,71 e 3,38).
- Conclusões: confirma-se uma observação de Eick (2002) – os diferentes tipos de ilha têm diferentes níveis de aceitação. Isso indica que é preciso investigar a natureza de cada um desses tipos de ilha, para entender que fatores estão determinando a maior ou menor aceitação. Há, também, indícios de que a variação seja, realmente, paramétrica: há similaridade com o italiano (p.ex., ilhas QU- estão entre as mais aceitáveis). Finalmente, parece confirmado que relativas em PB envolvem movimento QU- (contrariamente à tese de Tarallo 1983).